

Parte 2 - No CachoeiraDoc Os terreiros e as imagens

Makota Valdina

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VALDINA, M. Os terreiros e as imagens. In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 105-110. ISBN: 978-65-5630-192-1. <https://doi.org/10.7476/9786556301921.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Os terreiros e as imagens¹

Makota Valdina

As pessoas que me conhecem sabem do meu pé atrás com a academia e vou dizer por que: hoje a gente tem muitos doutores, muitos mestres, muitos acadêmicos, muita gente com suas ias – antropologia, etnologia e tudo mais quanto for “ia” – que escarafunchou negro e índio. Para mim essas disciplinas só foram criadas para nos conhecer e nos dominar. Até agora nada das teses que foram escritas, nada do que foi feito modificou a nossa situação: a gente até hoje luta para que a nossa sociedade respeite nossas crenças, respeite a nossa humanidade, e muitas das imagens que foram veiculadas, inclusive, não fizeram bem, fizeram mal.

A academia fez esse mal aqui na Bahia que foi “iorubanizar” tudo. Aham que só os Iorubá vieram para a Bahia, então a história real nunca foi contada. Até quando fizeram filme sobre Zumbi, botaram Ganga Zumba em cultura iorubá. Grande desconhecimento: Ganga Zumba nunca foi iorubá. Hoje, a gente está começando esse respeito, essa busca por aqueles que realmente são os sujeitos de sua fala.

Até hoje o povo me procura: “Makota, não sei o quê, assim, assim... eu queria fazer a minha tese”. “Já vem mais um”, é o que se passa na minha cabeça.

No nosso terreiro é proibido fotografar, é proibido celular, é proibido mesmo. Me chamam de cafona mas eu quero, pelo menos, que aquele pedacinho pequenininho – que não tem glamour, não tem a imponência de muitos terreiros mas que tem preservação de algo que nos foi passado – sirva para as futuras gerações, quando eu me for, entendeu?!

Tenho sido criticada, mas você vai para o terreiro para ficar o tempo todo pendurado, não pode passar sem seu celular? Então não venha, porque me fere quando eu vejo o inquice, orixá ou vodum ali dançando e as pessoas estão

¹ Transcrição de conferência no VI Colóquio Cinema, Estética e Política, realizado em articulação com o VIII CachoeiraDoc, no dia 05/09/2017, no Cine Theatro Cachoeirano.

assistindo o celular. Pelo amor de deus, isso é uma grande falta de respeito. Você vai para uma festa de orixás, de voduns, de inquices para quê? Para interagir com aquela energia ou para quê? Para quê? Eu não faço questão de uma pessoa dessas no nosso terreiro, eu faço questão que as pessoas cheguem e sejam acolhidas pela energia na qual nós acreditamos e que cultuamos. Eu quero que as pessoas se toquem e sejam tocadas, cada uma da sua maneira, pelos inquices que estão ali. Ainda que não cheguem perto para dar um abraço, mas que as pessoas sintam a energia daquele inquite que está incorporado em alguém. É isso que eu quero, é isso que tem que ser. Aquilo não é show, ninguém deve ir para um terreiro para assistir a um show, você vai interagir com a cultura que está ali viva e que não tem explicação. “Mas como é? Como é o transe, Makota?” E eu respondo: “Como Jesus está ali na hóstia? O corpo de Jesus ali, explique como é isso? Alguém explica, alguém diz? Não diz”. Ou você crê, ou você tem fé naquilo, ou não. Você tem que entender ou sentir enquanto católico. Por que a gente tem que explicar tudo, esmiuçar tudo? Se você quer aprender, vá, fique, esteja ali nas festas. Se você foi escolhido ou escolhida, você vai incorporar um orixá, um inquite, um voduns, ou você vai ser suspenso ou suspensa por ele para ser um ogan ou um tâta.

Quer fazer filmes? Quer fazer imagens sobre candomblé? A toda hora a gente tem como fazer, porque todas as formas de racismo que a gente sofre atingem o candomblé. Porque a maneira como a sociedade vê as pessoas de candomblé é como a sociedade vê cada descendente de africano que existe na sociedade. A gente é discriminado a todo segundo, a todo minuto, em todo local, em tudo. É por isso que criam essas figuras exóticas. É preciso acabar com os exotismos, com as folclorizações, e encarar a diferença: tem uma cultura diferente, que pensa de modo diferente, vê o mundo de maneira diferente, interage com esse mundo de uma forma. Quem é de candomblé é assim. “Mas como é?” Eu não sei, vá conviver com as pessoas que você vai sentir, vai perceber como é que a gente age nas situações, como é que a gente pensa, como é que a gente interage com os outros seres humanos. E isso para mim é candomblé: candomblé para mim é minha vida. Eu sou de candomblé 24 horas por dia: quando estou acordada, quando eu estou dormindo, quando estou sonhando, o que eu sonho... Eu sou de candomblé e o candomblé não está fora do meu agir, do meu fazer. Então, quer ajudar o candomblé? Se aproxime das comunidades, terreiros: vá ver o dia a dia, o jeito como as pessoas lidam na comunidade com as outras pessoas; vá ver

como é que as pessoas estão aos trancos e barrancos se organizando para lutar contra o que eles chamam de intolerância religiosa, que eu simplesmente chamo de racismo, de falta de respeito. Vá ver o que estão fazendo com nossas matas, o que estão fazendo com nossas fontes de água, e qual é impacto disso para gente que é de candomblé; vá ver o que estão fazendo com os nossos jovens negros, que são o futuro. Estão arrasando, exterminando o futuro, o nosso futuro das nossas crianças, dos nossos jovens. Tudo isso diz respeito a quem é de candomblé. E quem é de candomblé não para para fazer a coisa folclórica, para mostrar para o turista, para inglês ver, para não sei o quê, porque tem uma identidade, traz um legado dos negros que vieram antes. Vá ver o impacto que está causando o que os evangélicos estão fazendo. Não é questão dos negros não poderem ser evangélicos: o negro pode até nem ter religião, como qualquer ser humano. Não precisa nem ter religião, nem seguir religião, mas ele tem que respeitar sua história, ele tem que respeitar sua ancestralidade. Mas o que é que os evangélicos estão fazendo? Estão dizendo que nós estamos amarrados em nome do senhor... E as pessoas que estão seguindo – muitos dos nossos jovens negros, das nossas famílias negras, das nossas crianças negras – estão com a mente amarrada em nome do pastor. É no pensar que a gente é livre. Você pode me amarrar toda aqui e agora, me levar presa e eu continuo livre porque eu sou livre na mente. E quando a gente permite ser dominado no que a gente pensa, aí é que a gente é escravo. Hoje nós temos muitos jovens, muitas famílias, muitas crianças escravas, escravas do pastor evangélico neopentecostal. O que a gente está vivendo aqui no Brasil hoje tem a ver com isso. Eu fico muito triste quando eu vejo que muitos dos nossos contribuíram para este Brasil que a gente está vivendo: esse congresso que a gente tem, essa bancada evangélica que está aí. Então, vá fazer um filme sobre isso, fale sobre isso e estará ajudando a gente que é de candomblé.

Pense somente na situação: a gente está lá dentro de um ônibus e aí tem alguém sentado com sua conta, sua guia ou seu turbante – como eu, que adoro o meu turbante. E entra alguém dizendo “Tá amarrado em nome do senhor” ou usa o termo macumba – que nos empodera mas eles são ignorantes e não sabem, pensam que dizem uma coisa pejorativa, mas me chame de macumbeira, que você vai me dar um poder tão grande que você nem imagina. É verdade, é verdade... a palavra macumba empodera a gente, não diminui não. Então, eu acho que isso é um tema para se fazer um filme.

Eu acho que o primeiro artista, o máximo artista, é o criador: é Deus, Javé, Jeová, Olorum. Dê o nome que quiser dar – para quem tem fé, para quem acredita que existe um ser supremo, ele é um só. E para o candomblé, independente dos mitos, das lendas, das representações, não existe candomblé sem natureza, sem a essência que é a natureza. Então, partindo daí, se a gente for para o mato, se a gente andar pelo mato, quanta coisa tem ali que vai nos ensinar de arte, coisa que universidade nenhuma ensina. Então, você tem que se voltar para natureza: fique só algum tempo num lugar, numa praia, por exemplo, que não tenha movimento de gente para lá e para cá. Sente ali, sente e comece a conversar com o mar. Você pode até usar voz mesmo, mas só fique ali, deixa aquela energia entrar em você e veja o quanto é grande a arte do criador.

Eu sempre falo para dançarinos que me procuram: dança afro é a dança da vida e a dança afro está em todo mundo independente da cor da pele. É isso que a gente tem que internalizar, a gente tem tudo estereotipado, tudo, não é? A gente reproduz os estereótipos, todos nós, eu também. Quantas vezes eu fico me policiando: “sai de mim, não me pertence, não quero isso”. Você tem que se policiar entendeu?! Ser humano é ser humano. O candomblé que o africano trouxe, a forma dele interagir com o sagrado, não é dele, não é para ele. Em nenhum momento, tradição nenhuma africana que chegou aqui fala de negro, de preto, “isso é para negro, é para preto”. Isso é a vida, é para o ser humano.

Quem na nossa sociedade, que diz que é branco, é branco? É? Será? Mas diz que é. Então, acredita que seja. Mas como é que você é escolhido com a pele clara, branco na sociedade, e você é escolhido para incorporar um vodum, um orixá, um inquice, um caboclo? Como é que se explica isso? Como é que se explica isso? E aí tem um bando de doidos – e eu não concordo sempre com gente que é igual a mim, que tem a minha pele, não. De repente, tem esse pensamento louco que diz que quem tem a pele clara não pode botar uma veste com a padronagem africana. Que maluquice é essa? Que loucura é essa? E a gente vai comprar os panos africanos e está lá marcado “feito na Bélgica”. É a realidade, eu adoro esses panos mas você vai lá ver e não tem um que seja feito na África, entendeu?! É isso que precisa ser desconstruído, tem uma forma de fazer cinema, fazer filme trazendo essas coisas? Tragam. A gente precisa disso porque fazendo coisas assim a gente desconstrói o racismo, as desigualdades e abre para essa pluralidade grandiosa, rica, que somos nós. No dia em que a gente descobrir isso, nós seremos os primeiros do primeiro mundo, que a gente é isso e não sabe, e não sabe, e não sabe

lidar com isso. Então, tem isso de dizer que dança africana é dança afro. Não é coisa nenhuma: é dança, é dança. Agora, se tem um jeito, se tem uma ginga, vai procurar quem foi que trouxe isso, vai procurar quem foi que contribuiu para isso. Tem um traço assim, vá procurar se está em todo mundo. E se você tem, que bom! Você também é negro como eu.

A gente precisa se abrir para entender o outro, para interagir com outro. Quando você é escolhido você foi pinçado e quando você foi pinçado é para você fazer alguma coisa, porque ninguém está aqui de bobeira. Não pense que alguém está vivendo ou nasceu ou veio para esse mundo para ficar de bobeira. Tem que resolver alguma coisa, tem que fazer alguma coisa e aí daquele ou daquela que torna a viajar sem ter feito nada! Aí eu digo: você gosta de fazer cinema? Mas você escolheu essa profissão mesmo por quê? Você vai ficar de bobeira? Com o que é que você, com a câmera na mão, pode contribuir? “Ah, eu vou enveredar por esse caminho”; “Meu filme tem que falar de índio”. O que você vai fazer com sua câmera para ajudar índio, para ajudar negro, para tocar alguém que não foi tocado, que deve fazer alguma coisa, que precisa fazer alguma coisa? A sua missão é essa, e aí você vai longe, vai fundo.

Eu quero ressaltar uma coisa: ninguém do candomblé, pelo menos do candomblé que eu pratico, que eu conheço, vai na porta de ninguém chamando para ir para o candomblé nem faz proselitismo nenhum, mesmo porque no candomblé você não escolhe “Ah eu quero ser de candomblé!” Não é você que escolhe ser de candomblé, você é escolhido por isso ou por aquilo outro, para incorporar ou não incorporar. Mas não é você que diz “Ah eu acho bonito, eu quero ser de candomblé”.

Então, a gente não convida ninguém. Se a pessoa vai lá, e se tem alguma coisa a ver com aquele terreiro, então a gente começa orientar. E ninguém entra no candomblé, quando é escolhido, para ser rico, pra ganhar na loteria. Se fosse isso, a gente não seria pobre ralador, não é? Nossa riqueza é outra completamente diferente. Sempre resistimos, lutamos e educamos e, infelizmente, neste exato momento que estamos vivendo neste país, vemos se esvaír muita coisa que conquistamos a partir de 2003. Nesse país nunca se teve tanta oportunidade para o povo de candomblé discutir sobre educação, sobre segurança, sobre política, sobre tudo, porque antes nunca tivemos voz. Então, a gente não vai dar riqueza para ninguém que entra no candomblé. Os jovens de candomblé têm que aprender a ser pessoas marcadas para ser no mundo; não é para ostentar

a última marca do tênis nem da roupa; eles têm que ser gente, ter a postura. Infelizmente, de uns tempos para cá, também a gente está tendo muitas mudanças, muitas modas, não é? Muita ostentação que orixá, nem n'kisi, nem vodun nenhum, nenhum... eu digo isso mesmo: vodun que é vodun, n'kisi que é n'kisi, orixá que é orixá não vai nunca aceitar aquela ostentação daquelas parafernálias que eu vejo no YouTube.

Lá no espaço da gente, estamos trabalhando, discutindo política, avaliando o que está acontecendo, formando os meninos que estão ali, os jovens estão ali, os adultos que estão ali, os velhos que estão ali. O negócio está feio, está nos engolindo e a gente tem que correr para poder criar estratégias para educar as nossas crianças e nossos jovens. Não é fácil não.

Agora, a comunidade negra está pisando na bola, está pisando na bola, sim. Ontem, ouvindo Babau falar, eu me dizia assim: “Quantas lideranças negras precisavam estar aqui ouvindo esse homem falar, precisamos aprender a guerrear com os índios, aprender a se organizar como eles”. Passou pela minha cabeça: “Puxa vida, a gente está perdendo terreno, está perdendo terreno porque tudo que a gente conquistou estou vendo se esvaír”. Com menos do que isso, na década de 1970, a gente estava na rua e, hoje em dia, está todo mundo naquela letargia, aceitando tudo. Eu quero ver até quando. Mas, por outro lado, a nível de coisa miúda, aqui ou ali ou acolá, os terreiros estão fazendo alguma coisa, não estão parados, não. Estão fazendo alguma coisa mesmo no seu miudinho. Uma hora todo mundo vai se juntar e vai ver que tem que fazer a coisa maior. Tem muita gente pensando coletivamente e eu aposto nisso. Tem momentos, como esse, em que a gente tem de estar na luta como água. A água vai pingando, pin, pin, pin... Ninguém está vendo a água pingando. Daqui a pouco, você vê que está tudo alagado. É assim que a gente vai ter que agir, como Dandalunda, como Oxum, como Aziri, que é água, não é nada de deusa do amor, é água.